

## **A Sociabilidade do Homem Simples: cotidiano e história na modernidade anômala de José de Souza Martins**

Nayhara Freitas Martins Gomes  
Instituto de Geociências - IGC/UFMG  
[nayhara\\_martins@yahoo.com.br](mailto:nayhara_martins@yahoo.com.br)

Nesta obra, o sociólogo José de Souza Martins discute a cotidianidade, os modos de vida do homem simples que vive à margem, nos extremos da sociedade. Destarte, o mesmo intitula suas análises como sendo um estudo da vida cotidiana do homem comum. O argumento central do autor inspira-se nos estudos do sociólogo e geógrafo Henri Lefebvre e da filósofa Agnes Heller, ambos discutem a importância de se estudar a cotidianidade para compreender os processos sociais ao longo da história.

José de Souza Martins concebe a vida cotidiana como um produto da dominação e alienação aos quais o homem está submetido. Deste modo, o homem é impedido de compreender a sua trajetória e as possibilidades que se abrem ao seu destino. O trabalho passa a não ter mais sentido e o homem não se vê como agente ativo propulsor das transformações históricas. Logo, o homem simples se desvincula de sua obra e de si mesmo. As motivações para os estudos do autor em questão, partem da constatação que a sociedade brasileira convive simultaneamente com temporalidades distintas e processos históricos lentos. Estes fatores associados permitem a criação de realidades sociais marcadas por diferentes modos de vida, constituindo um processo de hibridismo cultural. O estudo da vida cotidiana, a observação do homem simples e do senso comum feita pelo sociólogo parte da compreensão de que é a cultura popular que incorpora os traços da modernidade e não a modernidade que abarca e incorpora a tradição. O autor coaduna suas discussões com as reflexões realizadas por Nestor Garcia Canclini, teórico que refletiu sobre a multiplicidade cultural híbrida.

Em “As hesitações do moderno e as contradições da modernidade no Brasil”, José de Souza Martins advoga que a modernidade na sociedade brasileira é caracterizada por ritmos desiguais de desenvolvimento econômico social. Trata-se de uma modernização exuberante alinhada a um processo de modernização lento e contraditório. No caso da realidade latina americana, a modernidade ao se confrontar com o tradicional, não transforma o real, ela convive com estruturas de outros tempos e relações sociais datadas. Entretanto, o autor considera que o atraso da modernidade no Brasil está mais associado a uma resistência ao novo do que a uma resistência crítica, como ocorreu na Inglaterra estudada por Thompson. Deste modo, a modernidade não se limita somente aos signos e objetos do moderno, ela é também objeto de consciência crítica do

moderno. Logo, a modernidade e o moderno não são sempre coincidentes. No entanto, a presença da tradição e do conservadorismo no Brasil junto à modernidade não se traduziria por uma crítica contundente das irracionalidades da modernidade. O autor lista exemplos sobre a cultura popular brasileira demonstrando que somos menos modernos do que realmente imaginamos. A ponto de no Brasil vivenciarmos uma pós-modernidade sem ter vivido uma modernidade, por ter sido um processo inconcluso dado por ritmos diferenciados e desproporcionais.

Em “O Senso Comum e a Vida Cotidiana”, José de Souza Martins advoga que o interesse das Ciências Sociais pelo conhecimento da realidade cotidiana foi amplamente influenciada pelas decepções constatadas na vida moderna. Segundo o autor, o senso comum seria uma capacidade do homem de produzir e reinventar significados em diferentes contextos, situações de crise e de abrupta privação de sentido. O autor acredita que o cotidiano, mesmo que marcado pela rotina está embebido de contradições sociais que se revelam de tempos em tempos. E enaltece que a força da sociedade civil e dos movimentos sociais encontra-se nas vontades individuais, nas pessoas de carne. Ademais, para tal autor, em uma perspectiva erudita, o senso comum corresponde ao desqualificado, ao destituído de verdade, fonte de equívocos e distorções. Daí as poucas menções aos estudos do senso comum em uma sociologia mais clássica. Já a sociabilidade moderna concebe o senso comum como produto das interações, onde os significados são experimentados pelos sujeitos e de certo modo, negociados por eles. Logo, o conhecimento do cotidiano não é constituído apenas por significados, esses são mediadores das relações sociais que sempre estão sujeitas a mecanismos de experimentação definindo critérios para o seu uso.

Em “A Peleja da Vida Cotidiana em nosso Imaginário Onírico”, José de Souza Martins buscou compreender as nuances entre o mundo dos sonhos e o mundo da vida cotidiana. O autor acredita que os sonhos revelam representações coletivas, uma vez que, são manifestações de nós mesmos. Para isto, estabelece a hipótese que o sonhador produz legitimamente a sua própria chave de interpretação dos sonhos. No entanto, no contexto da modernidade, a interpretação do sonho tem sido orientada por um modo mais racional, que propicia o desencontro entre o que o homem faz e o que ele pensa que faz, ou seja, de sua alienação. Portanto, há que se compreender que os sonhadores se diferenciam de acordo com o nível de complexidade de vida que levam. Os estudos do sociólogo sobre os sonhos revelaram por exemplo, diferenças da vivência cotidiana entre a casa e a rua tomadas como metáforas para as esferas privada e pública, respectivamente. A rua representava-se sempre como o local do estranho, do outro imaginado, do perigoso e da culpa. A casa, por sua vez, representava o íntimo, o refúgio, o aconchego, a segurança, a proteção, apesar de também revelar autoridade e dominação.

Em “Apontamentos sobre vida cotidiana e História”, José de Souza Martins reforça seus argumentos sobre a vida cotidiana e a sua importância na relação com a vida pública, privada e o mundo de trabalho. Para o autor, no Brasil a vida privada além de incipiente, é extremamente mesclada com a vida pública. O mesmo reconhece existir no Brasil um modo de vida privado, mas que se limitou à aristocracia das casas grandes e sobrados do período colonial e do início da República, não se estendendo à massa da população, nem se constituindo como um novo modo de vida que tivesse rompido essencialmente com um anterior,

como ocorrera na Europa. José de Souza Martins critica ainda o historiador Ronaldo Vainfas ao resumir a vida cotidiana aos usos e costumes do interior da casa. Segundo Martins, ao contrário, a vida cotidiana encontra-se no privado, mas principalmente no público podendo ser focalizada no mundo do trabalho, nos lugares onde acontece o desencontro do homem em relação a si mesmo. O sociólogo afirma que o cotidiano é reproduzido pelas contradições do processo histórico.

Em “Excurso: As temporalidades da História na Dialética de Henri Lefebvre”, o autor baseia-se nos estudos de Henri Lefebvre ao afirmar que o processo de produção e reprodução da sociedade contemporânea compõe-se em temporalidades diferentes e desencontradas. Henri Lefebvre constrói este argumento a partir da sua retomada à noção de formação econômico-social na obra de Karl Marx, no sentido da coexistência dos tempos históricos. Ou seja, para Lefebvre, as forças produtivas, as relações sociais e as superestruturas não se desenvolvem igualmente no mesmo ritmo histórico. O avanço social está sempre atrasado em relação ao econômico, o real está sempre em atraso em relação ao possível. José de Souza Martins ressalta que para Lefebvre a desigualdade dos tempos históricos é devida ao desencontro que acontece na práxis entre a produção da História pelo homem e ao mesmo tempo sua separação dela.

A segunda parte do livro rememora entrevistas dadas por José de Souza Martins às revistas acadêmicas Memória e Plural, acerca da obra Subúrbio, na qual o autor também discute a vida cotidiana. A primeira entrevista intitulada “História e Memória” revela a sociabilidade do homem simples que dá vida ao espaço suburbano e é negligenciado nos grandes debates acadêmicos. Os cenários mencionados são o subúrbio, a imigração dos trabalhadores no estado de São Paulo e os grandes fluxos migratórios que configuraram as regiões do ABC. A segunda entrevista “Por uma Sociologia Sensível” José de Souza Martins comenta que uma sociologia da vida cotidiana não é um resíduo desprezível da realidade social histórica, política e cultural. O autor destaca o seu modo de apreender os elementos de emancipação do homem, da sua libertação em relação às carências e as necessidades decorrentes de sua dependência do mundo externo e de sua própria natureza. Ademais, demonstra uma certa preocupação por defender uma ciência social sistemática, que não abra mão da acuidade teórica e da pesquisa empírica. Mas, que também, seja uma ciência engajada, com compromisso com a História, com o projeto do Homem e com a transformação e a emancipação social.

O livro proporciona uma coerente discussão teórica para a compreensão dos diversos processos sociais que se revelam híbridos e culturalmente múltiplos na América Latina. Ademais, a obra contribui por enaltecer narrativas, demasiadamente negligenciadas em diversos campos da ciência, em torno dos contornos da sociedade brasileira, simples, comum e popular. De modo mais específico, da vida cotidiana, da cultura e do modo de vida do homem simples, envolvido por uma história lenta que se mostra de forma inconclusa e que explicita as adversidades dos processos de configuração de uma sociedade dita como moderna. Uma modernidade que penetra, no cotidiano da vida social e cultural, todavia, às avessas.

### **Referências Bibliográficas**

MARTINS, J. S. **A Sociabilidade do Homem Simples: cotidiano e história na modernidade anômala.** 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2011.172 p.